

O léxico de alguns adolescentes da zona de Lisboa*

Adelina Castelo

Escola Superior de Educação de Viseu – Pólo de Lamego

1. Introdução

Esta comunicação baseia-se nos resultados do trabalho final realizado para um seminário de mestrado intitulado “Variação e Mudança Linguística no Português” (Castelo, 2002). Debruça-se sobre o léxico de um pequeno conjunto de adolescentes, que têm idades compreendidas entre os doze e os dezasseis anos, e nasceram e residem nos arredores de Lisboa.

Visa fornecer *pistas a explorar* para, no âmbito de um trabalho mais aprofundado, se poder responder a duas questões principais:

- (i) como se processa a variação lexical entre esses adolescentes;
- (ii) em que se distingue o léxico do conjunto de adolescentes em causa do léxico dos adultos (considerando-se que este último corresponde ao léxico do Português padrão¹).

Na literatura sobre outras línguas são referidos vários estudos acerca da variação linguística (incluindo, por vezes, variação lexical) entre os jovens (cf., por exemplo, Cheshire, 1982; Romaine, 1984; Kolh, Ludewigt e Schlobinski, 1993; Eckert, 1997; Milroy e Milroy, 1998). No entanto, até onde sabemos, não existem estudos específicos sobre este assunto para o PE.

2. Metodologia

Esta investigação baseia-se num pequeno *corpus* de fala espontânea e informal entre cinco pares de raparigas e cinco pares de rapazes, gravado em Dezembro de 2001, na escola dos informantes (Escola Secundária Braamcamp Freire, na Pontinha),

* A autora gostaria de agradecer à Prof.ª Dr.ª Antónia Mota pela orientação desta pesquisa, aos colegas do seminário de “Variação e Mudança Linguística em Português” (sobretudo à Susana Cabeleira e à Susana Correia) pelas sugestões feitas, às pessoas que permitiram a recolha do *corpus* (informantes, professores e Conselho Executivo da Escola Secundária Braamcamp Freire), à Mafalda Antunes e à Prof.ª Dr.ª Margarita Correia pelo aconselhamento na escolha da bibliografia, à Escola Superior de Educação de Viseu pelo apoio financeiro concedido, e a todas as pessoas que fizeram comentários ou sugestões aquando da realização desta comunicação.

¹ Por “Português padrão” entendemos a variedade do Português usada pelas pessoas mais escolarizadas da região Lisboa-Coimbra (cf. Cunha e Cintra, 1984) nas situações correntes e formais.

perfazendo um total de 135 minutos. O *corpus* foi gravado em dois dias diferentes: no primeiro dia, foram gravados alguns pares de informantes a falarem no recreio; no segundo dia, as gravações foram feitas numa sala, onde só estavam os informantes e a experimentadora.

Em seguida, os informantes foram distribuídos por seis grupos diferentes, em função do seu nível sociocultural (daqui em diante, NSC) e do seu género², tal como se pode ver no Quadro 1. Convém referir que o *factor social* não foi muito explorado, por ultrapassar o âmbito deste trabalho. Assim, pondo de lado a polémica em torno da definição deste factor, limitámo-nos a distribuir os informantes por três NSCs com base nas pistas fornecidas pelas suas conversas e no conhecimento que tínhamos da sua situação sociocultural e da sua atitude perante a escola.

NSC	Género	Masculino	Feminino
	Médio-alto	2 pares	2 pares
	Médlo	1 par	1 par
	Médio-baixo	2 pares	2 pares

Quadro 1: Distribuição dos informantes de acordo com o NSC e o género

Para responder à primeira questão, isolámos os itens lexicais não pertencentes ao Português padrão, com base na nossa intuição linguística e numa pesquisa em alguns dicionários (*Dicionário da Língua Portuguesa*, da Porto Editora; *Novo Aurélio Século XXI: Dicionário da Língua Portuguesa*; *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa)³. Os itens não incluídos nos dicionários com a aceção verificada no *corpus* ou atribuídos a um registo de língua diferente do corrente foram considerados *itens lexicais não-padrão*.

De seguida, foi feito o tratamento dos dados e a análise da variação entre os diferentes grupos de adolescentes, constatando-se que alguns dos itens não-padrão foram usados com mais frequência por determinados grupos, outros foram preferidos por outros grupos, etc.

² A opção pela designação “género” em vez de “sexo” deve-se ao facto de o primeiro termo mostrar melhor que o tipo de linguagem escolhida é influenciado não só pelos factores sociais ligados às características biológicas dos falantes mas também por outros factores relacionados com contextos sociais específicos. Por exemplo, num determinado ambiente linguístico, caracterizado por um predomínio de valores associados à masculinidade (como dureza, competitividade, etc.), por motivos de afirmação social, pode ser necessário que uma pessoa do sexo feminino adopte um estilo linguístico masculino (cf. Wodak e Benke, 1997).

³ Embora, como referido por Correia (1998), os dicionários do PE não possam ser tidos como critério seguro para distinguir os neologismos das restantes palavras (por não serem actualizados com muita frequência nem de forma muito sistemática), constituem um meio acessível e suficiente para uma pesquisa inicial, como o trabalho em causa.

Para responder à segunda questão, seleccionámos os itens a analisar como juvenis, com base na nossa intuição linguística, numa pesquisa em dicionários e num pequeno inquérito a falantes nativos do PE (que identificaram os itens utilizados apenas pelos jovens, tendo em conta a sua própria intuição). Assim, foram obtidos os *itens lexicais juvenis*. Numa última fase, esses itens foram analisados, observando-se o processo de inovação lexical que lhes deu origem, e as alterações semânticas, fonéticas e morfossintáticas que sofreram.

3. Variação lexical entre os diferentes grupos de adolescentes

Na literatura sobre a variação lexical, são defendidas algumas ideias importantes para compreendermos os dados desta investigação. Em primeiro lugar, vários autores preconizam que as escolhas linguísticas feitas por um falante reflectem aquilo que ele é (o seu género, a sua idade, a sua posição social, etc), ou seja, revelam a sua integração num determinado grupo sociolinguístico (cf., por exemplo, Trudgill, 1974; Labov, 1975; Eckert, 1997; Milroy e Milroy, 1997; Wodak e Benke, 1997).

Em segundo lugar, também se refere que algumas variantes não-padrão podem desempenhar a função de indicar o grau de adesão a uma determinada cultura (cf. Cheshire, 1982) e que as variantes linguísticas podem ter funções sociais diferentes para os diversos grupos de falantes (cf. Cheshire, 1982: 153). Por exemplo, determinada variante pode servir como marca de lealdade à cultura do grupo para as raparigas mas não para os rapazes; outra variante diferente pode servir como marca de adesão à cultura juvenil para os rapazes mas não para as raparigas, etc. Alguns autores defendem até a existência quer de variantes que funcionam como marcadores de género independentemente da rede social, quer de variantes que funcionam como marcadores de rede social para ambos os géneros – cf. Milroy e Milroy (1997).

Assim, tendo em conta estas duas constatações feitas na literatura, podemos considerar que as variantes não-padrão utilizadas pelos falantes podem funcionar como “*marcadores*” de adesão e pertença a um determinado grupo sociolinguístico, podem fornecer pistas sobre o seu estatuto sociolinguístico, indicando a rede social a que pertence, ou a sua faixa etária, ou o seu género.

Observando a variação lexical entre os seis grupos de adolescentes incluídos neste estudo, verificamos que determinados itens lexicais foram mais frequentemente utilizados por certos grupos de informantes, podendo ser associados a esses grupos de falantes. Assim, passamos a apresentar a distribuição, pelos seis grupos de informantes, do emprego dos itens lexicais não-padrão com mais ocorrências no *corpus*⁴ (cf.

⁴ Convém recordar que o objectivo deste trabalho é o de fornecer pistas a explorar no âmbito de uma investigação mais alargada e que o *corpus* usado é demasiado pequeno para responder, de forma “segura”, às questões colocadas na introdução desta comunicação. Por exemplo, o item “beca” só ocorre quatro vezes em todo o *corpus*, o item “bacano” onze vezes, etc. Os itens que parecem associados à cultura juvenil ocorrem muito mais frequentemente – cf. 63 ocorrências de “fixe”, 186 de “iá”, 43 de “pá” e 89 de “bué da”.

percentagens no Quadro 2). A palavra “gajo” é usada apenas por falantes do género masculino, pertencentes aos três NSCs e, conseqüentemente, parece funcionar como um marcador do género masculino. As palavras “caraças” e “bacano”, por sua vez, são usadas quase exclusivamente pelos falantes do género masculino de NSC alto e de NSC baixo, estando, por isso, igualmente associadas aos falantes masculinos. Os itens “bazofe”, “beca” e “curtir” são escolhidos sobretudo por falantes do género masculino de NSC baixo, enquanto “espectáculo” e “espectacular” são utilizados principalmente por falantes masculinos de NSC alto. Todas estas palavras parecem estar associadas ao género masculino.

Verificamos ainda que 50% das ocorrências de “fatela” e “fateloso” se devem a falantes masculinos de NSC alto e 50% a falantes situados no outro extremo do ponto de vista sociolinguístico, isto é, os falantes femininos de NSC baixo.

Os itens “fixe”, “iá”, “pá” e “bué da” parecem ser os marcadores de idade juvenil, já que são utilizados por quase todos os grupos de informantes (isto é, por todos excepto pelas informantes femininas de NSC médio). No entanto, mesmo estes itens são usados em maior percentagem por determinados grupos, grupos esses que correspondem aos informantes que usam, de uma maneira geral, mais frequentemente os itens lexicais não-padrão: os falantes de género masculino e NSC alto, os de género masculino e NSC baixo e os de género feminino e NSC baixo. Embora, como qualquer falante do Português pode verificar, o item “pá” também seja muito utilizado pelos adultos, incluímo-lo nos marcadores de idade juvenil, pois a distribuição do seu uso é semelhante à de “fixe”, “iá” e “bué da” (ou seja, é um dos poucos itens usados por quase todos os grupos de informantes) e, conseqüentemente, a frequência da sua utilização, associada ao uso dos outros marcadores de idade juvenil, parece revelar o grau de adesão à cultura juvenil. Assim, o item “pá” pode ter uma função específica na linguagem dos adolescentes que é diferente da função desempenhada na linguagem dos adultos – o que vai ao encontro de uma ideia defendida por Cheshire (1982) e apresentada no início do presente tópico.

“Cena” e “tipo” aparecem principalmente no discurso dos informantes de género masculino e NSC alto e no das informantes femininas de NSC médio e baixo. Finalmente, o item “giro” parece estar associado sobretudo ao género feminino, ainda que 27% das ocorrências deste item se verifique na conversa dos informantes masculinos de NSC médio.

	Masculino ⁵	Feminino
Médio- -Alto	<i>gajo</i> 41,17 <i>caraças</i> 62,50 <i>bacano</i> 54,54 <i>espectáculo / espectacular</i> 80,95 <i>fatela/fateloso</i> 50 <i>cena</i> 22,22 <i>tipo</i> 28,57 <i>fixe</i> 26,98; <i>já</i> 31,72; <i>pá</i> 20,93; <i>bué da</i> 31,46	<i>giro</i> 36,36 <i>fixe</i> 6,34; <i>já</i> 2,68; <i>pá</i> 9,30; <i>bué da</i> 4,49
Médio	<i>gajo</i> 29,41 <i>giro</i> 27,27 <i>gajo</i> 29,41 <i>fixe</i> 4,76 <i>já</i> 3,22 <i>pá</i> 6,97 <i>bué da</i> 3,37	<i>cena</i> 22,22 <i>tipo</i> 25 <i>giro</i> 18,18
Baixo- -Médio	<i>gajo</i> 29,41 <i>caraças</i> 37,50; <i>bacano</i> 27,27 <i>bazofe</i> 100; <i>beca</i> 75; <i>curtir</i> 93,93 <i>fixe</i> 49,20; <i>já</i> 55,91; <i>pá</i> 46,51; <i>bué da</i> 33,70	<i>fatela/fateloso</i> 50 <i>cena</i> 44,44 <i>tipo</i> 42,85 <i>giro</i> 18,18 <i>fixe</i> 12,69; <i>já</i> 6,45; <i>pá</i> 16,27; <i>bué da</i> 26,96

Quadro 2: Distribuição, pelos seis grupos de informantes, das percentagens de utilização dos itens lexicais não-padrão mais frequentes

Assim, estes resultados sugerem algumas pistas a explorar relativamente à influência do género e do NSC na variação lexical entre estes jovens:

(i) os falantes do género masculino usam mais formas não-padrão do que os do género feminino (concordando estes resultados com as tendências referidas em vários estudos – cf. Trudgill, 1974; Milroy e Milroy, 1997; Wodak e Benke, 1997);

(ii) os falantes de NSCs médio-baixo e médio-alto apresentam maior diversidade de variantes e empregam mais variantes não-padrão do que os de NSCs médios;

(iii) alguns itens lexicais podem funcionar como “marcadores” do grau de adesão a um determinado grupo (o que vai ao encontro de propostas defendidas em trabalhos anteriores – cf. Cheshire, 1982; Milroy e Milroy, 1997).

Os dados obtidos sugerem ainda que, no caso dos adolescentes desta zona de Lisboa, se podem distinguir três tipos de marcadores:

(i) marcadores de adesão à cultura juvenil ou marcadores de idade (e.g. “já”, “bué da”), encontrados em falantes de cinco dos seis grupos de adolescentes;

(ii) marcadores de género, isto é, itens usados sobretudo por falantes de um determinado género (e.g. “gajo” associado ao género masculino);

⁵ Na conversa de duas das informantes de NSC médio-baixo, encontrámos atitudes e um léxico muito semelhantes aos verificados na conversa dos rapazes e bastante diferentes do que se verificou na conversa das restantes raparigas. Estas duas raparigas parecem adoptar o estilo linguístico próprio do género masculino, o que pode acontecer sempre que o meio onde as mulheres se querem integrar seja regido sobretudo por valores masculinos, como se verifica por vezes nas classes sociais mais baixas (cf. Trudgill 1974). Por esse motivo, sempre que pertinente, incluímos os resultados da conversa dessas duas raparigas na percentagem de utilização do item lexical em causa por parte dos rapazes do mesmo NSC.

(iii) marcadores de NSC, palavras usadas principalmente por falantes de um dado NSC (e.g. “espectáculo” / “espectacular” – informantes de género masculino e NSC alto; “bazofe”, “beca” – informantes de género masculino e NSC baixo).

4. O léxico destes adolescentes

Observaremos agora todos os itens que foram usados no *corpus* e considerados *itens juvenis*, para atentarmos nos processos de inovação lexical que lhes deram origem e assim verificar o que distingue o léxico destes adolescentes do dos adultos. Por motivos de economia, a análise destes itens será esquematizada em dois quadros.

Os dois processos de inovação lexical que deram origem a quase todos os itens juvenis do *corpus* são a mudança semântica e o empréstimo de fora do sistema⁶.

Começando pela observação das mudanças semânticas, adoptamos a distinção, apresentada em Correia (2000), de três mecanismos semânticos que dão origem a processos de mudança semântica: a *metáfora* (resultando de uma comparação implícita entre duas realidades a partir de uma característica comum); a *metonímia* (sempre que se usa um termo reduzindo a sua extensão – e.g. utilização do termo que designa a causa para designar o efeito); e a *sinédoque* (quando se usa um termo aumentando a sua extensão – e.g. emprego do termo que se refere ao particular para referir o geral). De acordo com Guilbert (1975), existe ainda um tipo particular de mudança semântica: a *neologia por conversão* (isto é, a criação de um novo item lexical através da mudança da categoria sintáctica de um item já existente).

Observando os itens juvenis usados pelos informantes com um novo valor, adquirido por mudança semântica, e apresentados no Quadro 3, podemos concluir que o mecanismo de mudança semântica mais frequentemente utilizado no enriquecimento lexical é a metonímia (com uma redução do significado do termo que designa a causa para passar a nomear o seu efeito – cinco casos), seguido pela metáfora (dois casos) e pela sinédoque (com uma extensão do sentido do particular para o geral – um caso). Existem ainda dois casos de conversão de nome para advérbio. Verifica-se ainda que os exemplos de mudança semântica que temos pertencem apenas a três categorias sintácticas diferentes: nomes (cinco casos); verbos (dois casos); e adjectivos (dois).

⁶ Os itens juvenis criados através de mudança semântica também podem ser considerados empréstimos de dentro do sistema, uma vez que constituem casos de uma palavra pertencente ao registo corrente da língua que passou a ser usada num registo diferente – registo informal, associado a um determinado sociolecto (cf. Correia, 2000).

Item lexical (nº de ocorrências)	Cat. sint. inicial	Cat. sint. final	Valor inicial	Valor encontrado no corpus	Mudança semântica sofrida
<i>abrir</i> (1)	V	V	dar passagem, tirar obstáculo que impede passagem	ir depressa, acelerar	metonímia (causa → efeito)
<i>base</i> (1)	N	N	fundamento, princípio que orienta um comportamento	é aquela base: é sempre assim, é o costume, costume	metonímia (causa → efeito)
<i>brasa</i> (1)	N	N	o que provoca calor; queimor...	entusiasmo, excitação, emoção	metáfora (comum: calor provocado)
<i>cena</i> (9)	N	N	espectáculo; situação ou coisa impressionante	coisa; situação	sinédoque (particular → geral)
<i>fixe</i> (63)	Adj	Adj	fixo, firme; confiável, honesto, constante	simpático, (pessoas); divertido, agradável (coisas, situações)	metonímia (causa → efeito)
<i>louco</i> (3)	Adj	Adj	doído; excessivo, extraordinário, extravagante	agradável, divertido, interessante (coisas, situações)	metonímia (causa → efeito: o excesso torna as coisas interessantes)
<i>molho</i> (6)	N	N Adv	*conjunto de quaisquer coisas reunidas num grupo *expressão aos molhos: em grande quantidade	*N: o grupo de pessoas *Adv: muito. e.g. <i>Eu curto molho danoninhos.</i>	*metáfora (comum: quantidade e reunião) *conversão N > Adv; metáfora (comum: quantidade)
<i>picar-se</i> (2)	V	V	ferir-se com um objecto pontiagudo; drogar-se	tomar algo que faça a pessoa ter atitudes de louco; ter atitudes de louco	metonímia (causa → efeito)
<i>tipo</i> (28)	N	Adv	espécie, género; modelo	Adv: como e.g. <i>tipo prédios; assim tipo isso</i>	conversão N > Adv

Quadro 3: Itens lexicais juvenis criados através de uma mudança semântica

Antes de considerar os itens juvenis que foram criados através do processo de empréstimo, convém fazer duas distinções (cf. Correia, 2000). Em primeiro lugar, é preciso distinguir *empréstimos de dentro do sistema*, itens que passam de um registo ou de uma variedade para outra, dentro da mesma língua, de *empréstimos de fora do sistema*, termos importados de outras línguas para a língua de acolhimento. Em segundo lugar, os empréstimos de fora do sistema podem ser *estrangeirismos* (quando não sofrem uma adaptação às regras da língua de acolhimento) ou *empréstimos* (sempre que há uma adaptação às regras fonológicas, morfológicas e/ou ortográficas da língua de acolhimento).

Como podemos ver no Quadro 4, a maioria dos empréstimos encontrados no corpus provém de variedades do Português diferentes do PE (cinco palavras foram importadas de variedades africanas do Português e três são oriundas do PB), e apenas três palavras provêm de outras línguas (duas do Inglês e uma do Francês). Entre estes empréstimos de fora do sistema, existe um único estrangeirismo (“fight”), já que “dread” sofre uma alteração morfossintáctica (a mudança de categoria sintáctica) e “beca” sofre várias alterações (nomeadamente fonológicas). Os empréstimos de outras variedades do Português também apresentam quase sempre alguma alteração, ao nível

semântico, morfossintático e/ou fonético⁷: cinco são adaptados à fonética do PE; quatro sofrem alterações semânticas; e três sofrem adaptações morfossintáticas.

Item lexical (nº de ocorr.)	Cat. sint. inic.	Cat. sint. final	Palavra de origem ⁸ : valor inicial	Valor presente no corpus	Alterações sofridas
<i>bacano</i> (11: 4 N +7 Adj)	Adj	Adj N	<i>bacana</i> (PB): agradável, formidável (pessoas e coisas)	•Adj: simpático, (pessoas); divertido, agradável (coisas, situações) •N: rapaz, rapariga; companheiro	•semânticas: Adj – nenhuma; N – sinédoque (part. → geral) •morfossintáticas: adopção do marcador de classe –o; Adj > N •fonéticas: adaptação à fonologia do PE
<i>bazar</i> (5)	V	V	<i>bazar</i> (PAF): fugir	ir-se embora	•semânticas: sinédoque (particular → geral) •fonéticas: adaptação...
<i>beca</i> (4)	N	N N com funç. Adv	Origem desconhecida > nossa proposta: <i>bec</i> (Fr): bico (cf. bocado: <i>boca+ado</i> > o que se consegue pôr na boca de uma vez)	um pouco, um bocado de •N – e.g. <i>aguenta aí uma beca...</i> •N com função de Adv – e.g. <i>uma beca cansativo</i>	•semânticas: sinédoque (part. → geral) •morfossintáticas: marcador de classe –a •fonéticas: a própria adaptação morfossintática
<i>boa (na)</i> (5)	Adj	Adj	<i>na boa</i> (PB): numa situação agradável, vantajosa	sem preocupações; numa situação agradável	•fonéticas: adaptação...
<i>bué / bué da</i> (89: 26 + 63)	Adv	Adv	<i>bué</i> (PAF): muito, em grande quantidade	muito; em grande quantidade	•morfossintáticas: uso opcional de <i>da</i> antes de N ou Adj (<i>bué (da) divertido; cheio da cobertores</i>)
<i>curtir</i> (33)	V	V	<i>curtir</i> (PB): gostar de, deleitar-se em	gostar de	•fonéticas: adaptação...
<i>dread</i> (6)	N	Adj N	<i>dread</i> (I): medo; coisa, situação assustadora, que causa o medo	•Adj: agradável; com um estilo considerado interessante, na moda •N: toma de se dirigir a um amigo, colega	•semânticas: Adj – metonímia (causa → efeito: medo torna algo interessante); N – sinédoque (part. → geral) •morfossintáticas: N > Adj
<i>fatela / fateloso</i> (4: 3+1)	Adj	Adj	<i>fatela</i> (PAF): de má qualidade	de mau gosto, feio, desagradável	•semânticas: metonímia (geral → part.) •morfossintáticas: sufixo –os– e marcador –o •fonéticas: adaptação...
<i>fight</i> (2)	N	N	<i>fight</i> (I): luta	luta	
<i>ιά</i> (166)	Adv	Adv	<i>ιά</i> (PAF): sim	sim; pois; é claro	
<i>meu</i> (8)	Interj	Interj	<i>meu</i> (PAF): exprime simpatia, camaradagem.	forma de interpelar e de manter a relação com alguém	•semânticas: sinédoque (particular → geral)

Quadro 4: Itens lexicais criados através de empréstimos de outras línguas ou variedades

⁷ Veja-se em Mateus e Andrade (2000) uma apresentação da fonologia do Português e das mais importantes diferenças fonéticas entre o PE e o PB.

⁸ Utilizamos várias abreviaturas para designar a língua ou variedade de onde a palavra é oriunda: I para Inglês; Fr para Francês; PB para Português do Brasil; PAF para Português falado em países africanos (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné ou S.Tomé e Príncipe).

No *corpus* encontramos ainda cinco itens lexicais considerados juvenis que não foram incluídos nos quadros apresentados, por terem sido criados através de outros processos de inovação lexical (como é o caso de “nega”, item constituído através de uma truncação a partir de “negativa”), ou por nos suscitarem muitas dúvidas quanto à sua origem (como é o caso de “bazofe”, “broa”, “cozofe” e “népia”).

Verificamos, assim, que o léxico destes adolescentes se parece distinguir do dos adultos apenas pelo facto de incluir itens não pertencentes ao Português padrão que são usados sobretudo pelos jovens, os *itens juvenis*: alguns deles constituem mesmo marcadores de idade (sendo utilizados por quase todos os adolescentes – e.g. “bué” e “iá”), outros são usados apenas por alguns grupos de adolescentes. Assim, os adolescentes servem-se destes itens juvenis, de uma maioria de itens lexicais pertencentes ao Português padrão e de alguns itens não-padrão usados tanto pelos adolescentes como pelos adultos (e.g. “pá”, “gajo” e “giro”).

Esta conclusão vai ao encontro de algumas afirmações presentes na literatura. Por exemplo, Guilbert (1975: 80) defende que a especificidade linguística de cada grupo depende sobretudo do seu vocabulário e que este léxico é caracterizado por integrar algumas palavras usadas, de *forma predominante ou exclusiva*, pelo grupo social em causa. Preti (1991: 126), num estudo sobre a linguagem dos idosos, também conclui que o léxico deste grupo etário é caracterizado por um “Vocabulário, em geral, comum aos falantes de outras faixas etárias”, que é completado com a utilização de itens lexicais próprios desse grupo etário: os “arcaísmos” e as “gírias do passado”.

Quanto aos processos de enriquecimento lexical que parecem ser mais frequentemente utilizados na criação dos itens juvenis, estes são também comuns na criação do léxico dos adultos. Correia (2000), por exemplo, referindo-se ao PE contemporâneo, considera que a mudança semântica é um dos processos mais produtivos de inovação lexical e que os empréstimos de fora do sistema são muito importantes actualmente devido a um contacto considerável com outras regiões.

5. Conclusões

Resumindo, quanto à primeira questão (como se processa a variação lexical entre os jovens em causa), os resultados deste trabalho sugerem a existência de alguns itens lexicais associados quer aos adolescentes em geral (e.g. “bué”, “iá”), quer a determinados grupos juvenis (e.g. “espectáculo” / “espectacular” – utilizado sobretudo pelos informantes masculinos de NSC alto).

Indicam ainda que os factores NSC e género influenciam as escolhas lexicais destes adolescentes: os falantes do género masculino usam mais formas não-padrão do que os do género feminino; as classes socioculturais média-baixa e média-alta apresentam maior diversidade de variantes e empregam mais variantes não-padrão do que as classes médias; alguns itens lexicais podem funcionar como “marcadores” do grau de adesão a um determinado grupo (definido em função da idade, do NSC, do género, do género juntamente com o NSC).

Relativamente à segunda questão colocada no início da comunicação (em que se distingue o léxico destes adolescentes do léxico dos adultos), verificamos que o léxico atribuído aos jovens é criado sobretudo através do empréstimo externo e da mudança semântica, processos que não nos permitem diferenciar o léxico dos adolescentes do dos adultos por serem frequentes também no enriquecimento do léxico dos adultos.

Os resultados sugerem ainda que o léxico juvenil se distingue do dos adultos apenas pelo facto de incluir alguns itens juvenis (isto é, itens não pertencentes ao Português padrão que são utilizados sobretudo pelos adolescentes), já que os restantes itens lexicais pertencem ao Português padrão ou ao léxico não-padrão utilizado também pelos adultos.

Referências Bibliográficas

- CASTELEIRO, João Malaca (org.) (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Verbo.
- CASTELO, Adelina (2002) *O Léxico numa variedade "jovem" do Português de Lisboa*. Trabalho final do seminário "Variação e Mudança Linguística em Português", Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Ms.
- CHESHIRE, Jenny (1982) Linguistic variation and social function. In Suzanne Romaine (org.) *Sociolinguistic variation in speech communities*. Londres: Edward Arnold Publishers Ltd, pp. 153-166.
- CORREIA, Margarita (1998) Neologia e Terminologia. *Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*. Lisboa: Publicações Europa-América, pp. 59-74.
- CORREIA, Margarita (2000) *Processos de inovação lexical: algumas notas soltas, ilustradas com exemplos do português*. Universidade de Lisboa, Ms.
- COSTA, J. Almeida e A. Sampaio e Melo (orgs.) (1995) *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- CUNHA, Celso e Luís Filipe Lindley Cintra (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- ECKERT, Penelope (1997) Age as a Sociolinguistic Variable. In Florian Coulmas (org.) *The Handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Blackwell Publishers, pp. 151-167.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira (orgs.) (1999) *Novo Aurélio Século XXI: Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- GUILBERT, Louis (1975) *La créativité lexicale*. Paris: Larousse.
- KOHL, Gaby, Irmgard Ludewigt e Peter Schlobinski (1993) *Jugendsprache. Fiktion und Wirklichkeit*. Opladen: Westdeutscher Verlag.
- LABOV, William (1975) Some Sociolinguistic Principles. *The Study of Nonstandard English*. Illinois: National Council of Teachers of English, pp. 19-38.
- MATEUS, M. Helena e Ernesto d'Andrade (2000) *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.

- MILROY, James e Lesley Milroy (1997) Varieties and variation. In Florian Coulmas (org.) *The Handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Blackwell Publishers, pp. 47-64.
- MILROY, James e Lesley Milroy (1998) Mechanisms of change in urban dialects: the role of class, social network and gender. In Peter Trudgill e Jenny Cheshire (orgs.) *The Sociolinguistics Reader – Volume 1: Multilingualism and Variation*. Londres: Arnold, pp. 190-195.
- PRETI, Dino (1991) *A linguagem dos idosos – Um Estudo de Análise da Conversação*. São Paulo: Contexto.
- ROMAINE, Suzanne (1984) Influences on children's language: family, school and peer group. In *The Language of Children and Adolescents. The Acquisition of Communicative Competence*. Oxford: Basil Blackwell, pp. 159-195.
- TRUDGILL, Peter (1974) *Sociolinguistics: An Introduction*. S.l.: Penguin Books.
- WODAK, Ruth e Gertraud Benke (1997) Gender as a Sociolinguistic Variable: New Perspectives on Variation Studies. In Florian Coulmas (org.) *The Handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Blackwell Publishers, pp. 127-149.